

## O HOMEM DA RUA<sup>2</sup>

*Rubem Braga*

Os soldados matarão Lampião, mais a mulher dele. Cortaram as cabeças mandaram para a cidade. Corisco, um amigo do defunto, pegou os inimigos dele que estavam mais á mão, matou, cortou as cabeças e mandou para a cidade. Um trabalho decente.

A respeito desse fato os jornais se dividiram em dois grupos. Uns publicaram o retrato das cabeças dos cangaceiros. Todas arrumadinhas numa prateleira, com os chapéus ao lado, fazendo “pendant” para acertar a paginação. Estava lindo, arrumadinho e comovente como um soneto. Havia mesmo uma graça feminina, um geito de ternura naquela arrumação.

Os jornais que publicaram esse cliché elogiaram os soldados autores da façanha. Uns heróis. Todos foram promovidos.

Os outros jornais não publicaram a fotografia. Talvez porque não a receberam em primeira mão. Esses jornais xingaram os primeiros por dois motivos:

a) – porque publicaram a fotografia. Ela dá uma triste ideia de nosso nível de civilização. Não devia ser publicada.

b) – porque chamaram os soldados de heróis. Eles são uns bandidos, tão ruins como os cangaceiros, ou piores.

Eu concordo com a letra “b” e discordo da letra “a”.

Acho que a fotografia devia ser publicada. Ela não tem, como se diz, o defeito de mostrar nosso grau de civilização. Tem, exatamente, a virtude de mostrar nosso grau de civilização. Ela é a expressão, alias poetica e gentil, de um crime praticado por homens que agiam em nome do governo. Publicar a fotografia é mostrar, é documentar o crime. Esconder a fotografia seria esconder o crime, ser cúmplice dos

---

<sup>2</sup> “O Homem da Rua” foi um seção da Revista Diretrizes escrita por Rubem Braga entre os anos de 1938 e 1939. O texto reproduzido aqui faz parte da edição de setembro de 1938. Biblioteca Nacional Digital / Hemeroteca Digital:  
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=163880&pasta=ano%20193&pesq=o%20homem%20da%20rua&pagfis=330>

Reproduzimos a crônica aqui com sua ortografia original.

criminosos. Para evitar qualquer dúvida aproveito a ocasião para declarar que, se em qualquer época alguém tiver a lembrança de me cortar a cabeça ficarei muito grato a quantos publicaram na imprensa o retrato de minha cabeça cortada e o nome do cortador. Assim haverá a feliz possibilidade de algum amigo ou parente meu, numa tarde em que estiver aborrecido e sem ter o que fazer, cortar a cabeça do cortador de minha cabeça, o que me será muito agradável, e sera ainda devéras instrutivo para o meu filho e outras criancinhas brasileiras.

Acho que o Ministerio da Educação davia se entender com o Ministerio da Justiça para que fossem cortadas as cabeças dos soldados, mandando depois que elas fossem artisticamente arrumadas numa prateleira e fotografadas. Essas fotografias, juntamente com a já publicada, deveria ser distribuida pela infancia das escolas, pela juventude dos ginasios e pela mocidade das academias. Desde, porém, que haja alguma dificuldade em cortar a cabeça dos referidos soldados, o que é lamentavel, serviriam para o mesmo fim as cabeças cortadas por “Corisco”.

Estou de acordo, como se percebe, com a letra “b”. E a tal ponto que sugiro, caso haja facilidade, que sejam cortadas as cabeças dos diretores de jornais que chamaram os cortadores de cabeças de heróis. Creio mesmo que se poderia aproveitar a oportunidade para fazer um serviço mais amplo, cortando mais alguns milhares de cabeças que ha por aí e que não fariam falta nenhuma ao país, embora muitas delas se julguem indispensaveis e sejam importantes.

Só o fáto dos soldados haverem matado duas mulheres faz com que eles sejam considerados bandidos. Matar mulheres está abaixo de qualquer adjetivo. É indigno, covarde e desumano. Mesmo em caso de suprema necessidade nunca se deve, sob pretexto nenhum, matar uma mulher. O que se póde fazer decentemente, e deve ser feito com cavalheirismo, é dar alguns socos, uma boa surra ou mesmo alguns tiros em regiões não fatais. Matar mulher é coisa indigna de homem civilisado. E é anti-social porque nos grandes centros urbanos ha, constantemente, carencia desse produto animal, que é genero de primeira necessidade, cuja falta ocasiona graves disturbios cerebrais, como a poesia catolica moderna, os romances ultra-essencialistas, os livros de filosofia néo-tomista, etc, etc.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Seria uma irresponsabilidade da parte da equipe editorial do periódico “Cangaço em Revista” não fazer uma ressalva ao conteúdo deste ultimo parágrafo do texto de Rubem Braga. Seja pelo espírito da época ou pelas tendências ideológicas inerentes ao autor, fica claro que o trecho em questão está carregado de um intenso machismo que salta aos olhos contemporâneos. Fica a impressão, no entanto, que a apologia machista não é a razão de ser do parágrafo. É como se o homem da rua, ao caminhar

# O HOMEM DA RUA

R. B.



Os soldados mataram Lampeão, mais a mulher dele. Cortaram as cabeças mandaram para a cidade. Corisco, um amigo do defunto, pegou os inimigos dele que estavam mais á mão, matou, cortou as cabeças e mandou para a cidade. Um trabalho decente.

A respeito desse fato os jornais se dividiram em dois grupos. Uns publicaram o retrato das cabeças dos cangaceiros. Todas arrumadinhas numa prateleira, com as chapéus ao lado, fazendo "pendant" para acertar a paginação. Estava lindo, arrumadinho e comente como um soneto. Havia mesmo uma graça feminina, um geito de ternura naquela arrumação.

Os jornais que publicaram esse clichê elogiaram os soldados autores da façanha. Uns heróis. Todos foram promovidos.

Os outros jornais não publicaram a fotografia. Talvez porque não a receberam em primeira mão. Esses jornais xingaram os primeiros por dois motivos:

a) — porque publicaram a fotografia. Ela dá uma triste ideia de nosso nível de civilização. Não devia ser publicada.

b) — porque chamaram os soldados de heróis. Eles são uns bandidos, tão ruins como os cangaceiros, ou piores.

Eu concordo com a letra "b" e discordo da letra "a".

Acho que a fotografia devia ser publicada. Ela não tem, como se diz, o defeito de mostrar o nosso grau de civilização. Tem, exatamente, a virtude de mostrar o nosso grau de civilização. Ela é a expressão, aliás poética e gentil, de um crime praticado por homens que agiam em nome do governo. Publicar a

fotografia é mostrar, é documentar o crime. Esconder a fotografia seria esconder o crime, ser cúmplice dos criminosos. Para evitar qualquer dúvida aproveito a ocasião para declarar que, se em qualquer época alguém tiver a lembrança de me cortar a cabeça ficarei muito grato a quantos publicaram na imprensa o retrato de minha cabeça cortada e o nome do cortador. Assim haverá a feliz possibilidade de algum amigo ou parente meu, numa tarde em que estiver aborrecido e sem o que fazer, cortar a cabeça do cortador de minha cabeça, o que me será muito agradável, e será ainda deveras instrutivo para o meu filho e outras criancinhas brasileiras.

Acho que o Ministerio da Educação devia se entender com o Ministerio da Justiça para que fossem cortadas as cabeças dos soldados, mandando depois que elas fossem artisticamente arrumadas numa prateleira e fotografadas. Essa fotografia, juntamente com a já publicada, deveria ser distribuída pela infancia das escolas, pela juventude dos ginasios e pela mocidade das academias. Desde, porém, que haja alguma dificuldade em cortar a cabeça dos referidos soldados, o que é lamentável, serviriam para o mesmo fim as cabeças cortadas por "Corisco".

Estou de acordo, como se percebe, com a letra "b".

E a tal ponto que sugiro, caso haja facilidade, que sejam também cortadas as cabeças dos diretores de jornais que chamaram os cortadores de cabeças de heróis. Creio mesmo que se poderia aproveitar a oportunidade para fazer um serviço mais amplo, cortando mais alguns milhares de cabeças que ha por aí e que não fariam falta nenhuma ao país, embora muitas delas se julguem indispensáveis e sejam importantes.

Só o fato dos soldados haverem matado duas mulheres faz com que eles sejam considerados bandidos. Matar mulheres está abaixo de qualquer adjetivo. É indigno, covarde e desumano. Mesmo em caso de suprema necessidade nunca se deve, sob pretexto nenhum, matar uma mulher. O que se pôde fazer decentemente, e deve ser feito com cavalheirismo, é dar alguns socos, uma bôca surra ou mesmo alguns tiros em regiões não fatais. Matar mulher é coisa indigna de um homem civilizado. E é anti-social porque nos grandes centros urbanos ha, constantemente, carencia desse produto animal, que é genero de primeira necessidade, cuja falta ocasiona graves disturbios cerebrais, como a poesia catolica moderna, os romances ultra-essencialistas, os livros de filosofia néo-tomista, etc, etc.

Foto da página 7 da Revista Diretrizes, edição de setembro de 1938.

pela cidade, escorregasse na casca de banana que ele mesmo havia comido e caísse de pernas para o ar revelando mais de si do que gostaria. A tentativa do uso da ironia para criticar os intelectuais conservadores da época, acaba se revelando uma piada de extremo mau gosto que não deve ser endossada ou tolerada sob nenhuma circunstância. A decisão de publicar o texto, portanto, se deve ao fato de acreditarmos que este revela uma importante crítica à postura do governo e da sociedade civil no Estado Novo no que diz respeito à espetacularização da morte dos cangaceiros, mesmo que no final o autor padeça de suas próprias contradições. Preferimos, então, publicar o texto com todas suas contradições e fazer a crítica histórico-literária da fonte, do que empreender uma autocensura que serviria apenas para aferreecer a reflexão e o debate sobre os temas.